

MOVIMENTO HORA DE LUTAR



Lista de discussão online: horadelutarufrj@googlegroups.com

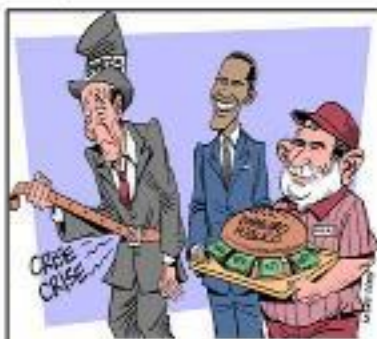
SURGE UM NOVO MOVIMENTO NA UFRJ!

Participe você também do Movimento Hora de Lutar!

O Movimento Hora de Lutar surgiu logo após as últimas eleições para o DCE Mário Prata, a partir da iniciativa de uma organização política chamada **Coletivo Lenin** (saiba mais sobre ela em www.coletivolenin.org).

Partimos do entendimento de que atualmente não existe nenhum movimento na UFRJ que consiga juntar dois fatores centrais para nós: uma perspectiva realista de **aliança com os trabalhadores** e uma **independência política** em relação aos demais grupos que atuam no movimento estudantil.

Consideramos a aliança com os trabalhadores algo fundamental para garantir a vitória de um projeto que vise a **universalidade**, a **gratuidade** e a **boa qualidade** do ensino. Isso porque é a classe trabalhadora a que produz as riquezas da sociedade, sendo também sua imensa maioria. Portanto, toda e qualquer luta dos estudantes, para ser consequente e realmente transformadora, deve estar submetida à uma perspectiva geral de aliança com as lutas de tal classe, pois somente quando forem os trabalhadores aqueles que governarem a sociedade através de um modelo radicalmente democrático é que poderemos garantir que a riqueza produzida seja revertida em melhorias sociais que avancem muito além de pequenas e pontuais reformas, reformas essas que inclusive podem ser destruídas com uma simples mudança na correlação de forças enquanto forem banqueiros e empresários (ou seus representantes pagos através do financiamento de campanhas e esquemas de corrupção) os verdadeiros governantes de nossa sociedade. Nesse primeiro material fazemos uma avaliação dos demais movimentos da UFRJ e apresentamos nossas principais propostas. *Junte-se a nós nessa luta!*



Governo Lula/PT: menos R\$1,28bi. para educação e mais R\$160bi. para bancos.

As eleições para o DCE, entidade representativa dos estudantes da UFRJ, são um momento muito rico de debate político e que mostram com clareza os princípios e propostas dos grupos que atuam na universidade. Nesse sentido, o que mais vimos nas últimas eleições foram grupos rebaixando seus programas como forma de garantir mais votos. Esse foi o caso claro do **Movimento Correnteza (chapa 3)**, que durante as reuniões de formação de chapa defendeu um programa avançadíssimo de aliança com os trabalhadores e luta por uma educação universal e de qualidade, mas que no final apresentou uma chapa muito aquém das discussões realizadas. Nessa reunião aprovaram, por exemplo, a importante bandeira de “fim do vestibular” e no final se limitaram apenas à defesa das cotas. O mesmo vale para o **Movimento a Plenos Pulmões**, que integrou a **Chapa 4** e também se limitou à defesa das cotas, deixando para os “dias de festa” a bandeira de “fim do vestibular” que seus membros reivindicam. Isso para não falar da importantíssima perspectiva de aliança com os trabalhadores terceirizados, pela sua efetivação como forma de garantir direitos trabalhistas e combater a exploração da mão de obra negra e feminina (majoritária entre os terceirizados, que recebem salários de fome). Tal perspectiva simplesmente sumiu nos panfletos de “boca de urna” de tal chapa.

Já a **Chapa 2** reuniu grupos que possuem divergências consideráveis (como participar ou não da UNE) e defendeu um programa que não ia além de reformas pontuais no sistema de educação, se limitando muitas vezes à exigir “mais verbas” do governo. Um programa limitado como este é resultado direto da aliança entre projetos diferentes, que só pode resultar na defesa de um menor denominador comum. Para garantir uma aliança eleitoral, os movimentos que compuseram tal chapa precisaram abrir mão de certas polêmicas que, se tivessem vindo à tona, poderiam ter enriquecido muito mais as eleições e garantido um processo mais franco.

Quando dizemos que achamos um erro tal tipo de aliança, isso não significa que somos contra a aliança dos movimentos combativos em torno de **lutas concretas**. Mas, quando se trata de defender seus **projetos políticos**, achamos que o mais sadio é que cada um mantenha sua independência, ao invés de rebaixar seus programas como forma de integrar chapas mais amplas e garantir assim um assento na direção da entidade. Tal independência, aliás, é um princípio inviolável para nosso movimento. Consideramos um grave erro e uma considerável desonestidade deixar de lado propostas avançadas para conseguir mais votos. Até porque de nada adianta estar na direção da entidade se não se tem os estudantes mobilizados em torno de um projeto que

ponha em cheque a questão de qual classe deve deter o poder político na sociedade. Como já dissemos, consideramos fundamental que sejam os trabalhadores aqueles no poder, como forma de garantir que os frutos do trabalho sejam revertidos em melhorias nas áreas de educação, saúde, moradia, transporte e etc. Isso é algo que nenhum governo de aliança com empresários e banqueiros pode ser capaz de fazer, como bem demonstrou o governo de Lula e PT nos últimos 8 anos.



Projetos de Lula atacam a educação pública para favorecer as instituições privadas.

Infelizmente, porém, o grosso do movimento estudantil encontra-se atualmente sob influência direta desse mesmo governo, através das correntes estudantis do PT e do PCdoB (UJS), que na UFRJ se uniram na **Chapa 1** e atingiram o segundo lugar nas eleições, defendendo projetos como o REUNI e o PROUNI, que levam ao sucateamento das universidades públicas e transferência de verbas para o ensino privado. Por isso, apesar de todos os problemas de democracia interna e burocratização que existem dentro da **UNE**, a maior entidade estudantil do país, defendemos a atuação em seus fóruns na perspectiva de disputar a consciência de tais estudantes hoje iludidos com o governo. Nesse sentido, achamos um erro grave a defesa que alguns companheiros combativos da UFRJ fazem de romper com tal entidade e criar novas, como a **ANEL**. Mas, apesar de acharmos essa perspectiva errada e extremamente prejudicial, pois divide o movimento e o enfraquece, não nos abstermos de frequentar seus espaços, sempre criticando, porém, seu divisionismo e projetos que achamos insuficientes para a luta dos estudantes e trabalhadores.

A seguir apresentamos nossa **carta de princípios** e fazemos um convite a todos aqueles que concordem conosco a se juntarem a esse novo movimento que surge para organizar estudantes e trabalhadores em torno de bandeiras como bandeijões e creches gratuitas em todos os *campi* e abertas à funcionários, professores e estudantes; integração dos trabalhadores terceirizados ao quadro de funcionários da UFRJ como forma de combater a super-exploração da mão de obra negra e feminina; salário igual para trabalho igual, abaixo a discriminação; fim do funil social que é o vestibular, livre acesso à educação; controle da universidade e seus serviços por comissões de estudantes e trabalhadores; por um plano de assistência estudantil que garanta moradia, transporte, alimentação e materiais de qualidade e gratuitos a todos os estudantes, taxando os grandes lucros para garantir seu financiamento.

CARTA DE PRINCÍPIOS DO MOVIMENTO HORA DE LUTAR

I) Nosso movimento tem como diretriz a aliança operário-estudantil. A maioria de nós estudantes nos tornaremos trabalhadores, ou já trabalhamos para pagar nossos estudos. Assim, sofreremos ou já sofremos dos mesmos problemas que a classe trabalhadora sofre atualmente. O próprio modelo de exploração de uma classe sobre a outra está presente no sistema de educação, que visa preparar desde cedo o estudante pra ser apenas mais um trabalhador disciplinado;

II) Somos contra qualquer meio ou medida que vise a super-exploração da juventude, como estágios mal-remunerados que não cumprem o papel de ensinar e como a exigência de um primeiro emprego, que tende a empurrar a juventude recém-formada para os cargos e categorias pior pagos do mercado;

III) Lutamos por uma educação realmente pública, o que compreende um plano de assistência estudantil que se estenda desde a alimentação, transporte, moradia e custeamento de materiais didáticos/paradidáticos até o lazer e a cultura do estudante, e permita que este não tenha que estudar e trabalhar ao mesmo tempo, o que prejudica sua formação acadêmica ou mesmo leva muitos a largar os estudos temporária ou permanentemente;

IV) Mas a educação só vai ser realmente pública com o livre acesso, portanto, lutamos pelo fim do vestibular. Também somos pela estatização das faculdades privadas sob controle dos trabalhadores e estudantes e pela ampliação com qualidade da rede de faculdades públicas;

V) Sobre as medidas afirmativas, enxergamos o caráter progressivo das mesmas, porém reconhecemos sua insuficiência e lhes damos apenas apoio crítico. Entendemos que a adoção de cotas, por exemplo, não soluciona o principal problema gerado pelo vestibular de tornar a faculdade um ambiente elitizado e racista;

VI) Combatemos toda e qualquer forma de opressão, como o machismo e o racismo, que servem apenas pra dividir e dificultar a organização dos estudantes e trabalhadores, além de serem ferramentas usadas pelas classes dominantes para nos explorar ainda mais;

VII) Não depositamos nenhuma confiança no Estado e seus braços armados, como a polícia e o exército, que no fundo estão apenas a serviço das classes dominantes. Também denunciemos o papel que as Forças Armadas cumprem em outros países, como o exército brasileiro no Haiti, que mantém a repressão aos trabalhadores negros para garantir a ordem das classes proprietárias haitianas e estrangeiras.